

Paisagem, turismo e vinho no Douro em Portugal: uma imponente tradição **Landscape, tourism and wine in the Douro in Portugal: an imposing tradition**

Vanessa Manfio

vamanfio@hotmail.com

Núcleo de Estudos Agrários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0405-5389>

Resumo

As paisagens são formadas a partir da relação homem e natureza, sendo uma forma de reconhecer a construção do espaço através dos múltiplos processos espaciais. As paisagens podem ser de diversos tipos, entre elas estão as paisagens vitícolas que ganham, cada vez mais, destaque mundialmente devido à importância e expansão da vitivinicultura. A produção de vinhos cria paisagens singulares e proporciona a implantação do enoturismo. No Douro, região portuguesa, a paisagem é resultado da materialização do vinho, das formas ambientais e da cultura. Essa paisagem torna-se um patrimônio cultural e também um elemento do turismo. Dessa forma, o presente estudo buscou discutir sobre a paisagem, as potencialidades locais e o turismo vinícola. Para isto, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, pautada na análise de trabalhos que tratam a realidade do Douro, além de ter sido realizada visita ao espaço do Douro, a fim de analisar a paisagem. Pretende-se com este trabalho contribuir para os estudos sobre a vitivinicultura do Douro, trazendo um novo olhar sobre a paisagem e o turismo regional.

Palavras-chave: Douro - Portugal, paisagem, turismo, vinho

Abstract

The landscapes are formed from the relation man and nature, being a way of recognizing the construction of space through the multiple spatial processes. The landscapes can be of various types, among them are the winegrowing landscapes that gain, more and more, stand out worldwide due to the importance and expansion of viticulture. The production of wines creates unique landscapes and provides the implementation of wine tourism. In the Douro, Portuguese region, the landscape is the result of the materialization of wine, environmental forms and culture. This landscape becomes a cultural heritage and also an element of tourism. In this way, the present study sought to discuss the landscape, the local potentialities and the obstacles of wine tourism. For this, the bibliographical research, based on the analysis of works that deal with the reality of the Douro, was used in addition to a visit to the Douro area, in order to analyze the landscape. The aim of this work is to contribute to the studies on wine production in the Douro, bringing a new perspective on the landscape and regional tourism.

Keywords: Douro - Portugal, landscape, tourism, wine

1. Introdução

A paisagem é composta por um conjunto arquitetônico formado por diversos elementos, sejam eles naturais ou humanos, que impõem a materialização das relações do homem e do meio ambiente. À medida que a paisagem retrata a construção histórica e a vivência do espaço, através das formas visíveis e invisíveis, que identificam a presença humana ela se torna uma paisagem carregada de simbolidade, memória e identidade, sendo então uma paisagem cultural.

As paisagens se tornam pontos turísticos, pela imponente cultura, tradição e beleza que as caracterizam. Em uma região vitícola, por exemplo, a paisagem formada pela vitivinicultura torna-se um grande empreendimento turístico, pois o vinho mexe com os sentidos das pessoas (Getz, 2000 cit. em Brambilla, 2015). Dessa forma, estudar a paisagem e o turismo em regiões vitícolas torna-se um ponto importante para se entender o espaço e também a cultura local, buscando preservar os patrimônios históricos - culturais e contribuir com o desenvolvimento local. Desenvolvimento pensado na lógica da



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/Alto_douro_vinhateiro_osm_%282%29.jpg

Ainda, este trabalho é resultado das análises, visitas e discussões realizadas no período de Doutorado Sanduíche realizado pela autora em 2017, com

Espera-se com este artigo contribuir com as discussões sobre paisagem, vinho e turismo no contexto da Geografia, especialmente do Douro Vinhateiro, trazendo um olhar científico em relação à região em estudo.

A paisagem é um elemento de estudo da ciência geográfica. Mas é também um conceito discutido por outras ciências que se ocupam dele, como a arquitetura. Segundo Corrêa e Rosendahl (1998), o termo paisagem é extremamente polissêmico, sendo para Geografia um conceito-chave, ou seja, um conceito

capaz de fornecer unidade e também identidade à geografia num contexto de afirmação da ciência.

Sobre o conceito de paisagem, Castro (2004, p. 1) comenta que, “Os geógrafos produziram uma reflexão conceitual própria, seguindo os passos de Humboldt e de outros naturalistas românticos”, dos quais a paisagem era entendida como “porções do espaço relativamente amplas que se destacavam visualmente por possuírem características físicas e culturais suficientemente homogêneas para assumirem uma individualidade” (Holzer, 1999, p. 151).

Para Castro (2004),

Depois de ser um tema central da Geografia no início do século XX, o conceito de paisagem teve sua importância reduzida no contexto de contestação que a geografia clássica passou com a incorporação de outras bases epistemológicas ao pensamento desta ciência, como as relacionadas ao positivismo lógico. (p.2)

Neste contexto, a paisagem é vista como uma “fonte de dados, com informações adquiridas em campo, constituindo-se na matéria prima de trabalho e elaboração de conceitos, a partir da observação de um significativo número de dados, com utilização da indução e generalização, ensejando a não explicação” (Cavalcanti, 2010/2011, pp. 64-65).

O conceito de paisagem é retomado com a emergência de uma Nova Geografia, de caráter Cultural, que passou a discutir a paisagem a partir de novos conteúdos, devido à ampliação dos horizontes explicativos da disciplina, com a incorporação de noções, tais quais: percepção, representação, imaginário e simbolismo (Castro, 2002). Assim, paisagem e cultura estão intimamente associadas.

Neste contexto, a paisagem é vista como “uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, em uma unidade visual” (Cosgrove, 1998, p. 98). Enquanto Berque (1998) completa,

a paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura - que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e a natureza [...]. (p.84)

Logo, Castrogiovanni (2002, p. 132) afirma que, a paisagem “envolve os elementos físicos/naturais, suas interações, assim como todas as intervenções e articulações provocadas pela ação humana”. A paisagem é fruto de uma sociedade e seus valores

que interceptam o espaço e constroem formas. Nesta linha de pensamento Santos (2002, p. 103) coloca, “A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”.

Portanto, Costa e Gastal (2010, p. 5) concluem que “A paisagem não participa como suporte passivo, mas sim como existência ativa, integrante e testemunha de uma dinâmica cultural que se constrói no tempo e se manifesta no espaço”. Ela possui ainda “uma qualidade transtemporal, uma construção transversal, que une passado e presente em sua configuração espacial” (Costa & Gastal, 2010, p. 6). Esta qualidade transtemporal é visível nas paisagens de produção de vinhos, quando a atividade é antiga e associada a uma cultura e história local, como visto na Região do Douro, na região da Borgonha na França, ou ainda na Serra Gaúcha, no Brasil.

Em se tratando de paisagens que tem como cenário principal o vinho, Manfio e Medeiros (2017, p. 26) comentam que, “As paisagens das áreas de vitivinicultura são conhecidas pela materialidade dos elementos vitícolas como vinhedos, vinícolas, pátios de entrada das vinícolas, vinhos, espaços enoturísticos”, mais a cultura e o ambiente na qual estão inseridos estas videiras. Estas paisagens são denominadas por Falcade (2011) e Joliet (2006, cit. em Falcade, 2003) como paisagens vitícolas.

A paisagem vitícola é original, pela escultura ambiental do espaço, pelo resultado do trabalho humano e pelo sentimento que carrega esse tipo de paisagem, podendo ser considerada um patrimônio de identificação cultural (Falcade, 2003).

As paisagens vitícolas desempenham uma função importante no desenvolvimento do enoturismo aos vinhedos, pois, elas são fonte de visualização das formas visíveis do trabalho humano e da natureza que envolve a vitivinicultura. Assim, toda garrafa de vinho, apresenta mais que um puro vinho, guarda também invisivelmente a cultura de um povo, o esforço de produzir vinho em uma determinada porção do espaço e a tipicidade ambiental.

Cabe aqui destacar que o enoturismo, como coloca Marques e Marques (2017),

[...] é uma forma de turismo que pressupõe uma vasta gama de experiências construídas em torno de visita turística a produtores, adegas e regiões vinícolas, incluindo a degustação de vinhos, experiências de vinho e gastronomia,

a fruição do entorno regional e da paisagem, uma viagem de lazer de um dia ou mais e a experiência de uma gama de atividades complementares de caráter cultural e natural disponíveis nas regiões vinícolas. (pp. 109-110)

Contudo, autenticidade e cultura regional estão também relacionados diretamente ao enoturismo, que possui características diferentes das outras formas de turismo, pois envolve os sentidos: gosto, cheiro, tato, visão e audição, além da gastronomia e objetos culturais locais (Getz, 2000, cit. em Brambilla, 2015).

Os turistas são atraídos pelas paisagens vitícolas, pelas quintas (propriedade rural de grandes dimensões em Portugal) e adegas ou vinícolas, para desfrutarem as belezas construídas no local e saborear bons vinhos, memórias e histórias.

Além disso, a identidade com o vinho é visível na paisagem e repassada aos turistas. Como dizem Lavrador e Rocha (2010, p. 6), “a identidade vinhateira de uma região resulta da projecção de elementos da paisagem vitícola, de atributos relativos à marca vinícola ou associados ao enoturismo”.

Por esta identidade, atualmente, muitas paisagens vitícolas e também culturais passaram a se tornar patrimônios. De acordo com Costa e Gastal (2010),

A consideração da Paisagem Cultural como bem patrimonial, apesar de sua tradição nas discussões geográficas e de outras áreas científicas, começa a tomar forma a partir da Convenção do Patrimônio Mundial da UNESCO, em 1972, com a criação da Lista do Patrimônio Mundial. (p. 7)

As paisagens vitícolas como exemplo: Paisagem Cultural do Alto Douro Vinhateiro, Paisagem Cultural da Vinha da Ilha do Pico-Açores, as vinhas de Borgonha, entre outras, estão na lista de patrimônios da humanidade.

Com esta chancela as regiões são obrigadas a manter as suas características históricas e culturais e preservar a paisagem cultural ali formada frente ao enoturismo que, às vezes, é perverso e acaba transformando a essência e a identidade da paisagem com construções modernas. A respeito da modernização turística no Vale dos Vinhedos, RS, Brasil, Medeiros, Valduga e Lindner (2017, p. 99), discutem que, “O seu uso não pode ser distorcido, sua paisagem é patrimônio e, portanto, deve ser reconhecida como tal”.

Em síntese, as paisagens vitícolas apresentam particularidades e identidades construídas pela cultura e pela natureza. Estas paisagens guardam heranças e artefatos ligados ao vinho, compondo um “arsenal” importante para o estudo da Geografia do vinho.

3. Paisagem e turismo na região do Douro

A região vinhateira do Douro apresenta uma tradição histórica ligada à produção de vinhos. Conforme Lopes (2012, p. 9), “Desde a pré-história que o vale do Douro constituiu um corredor por onde passaram vagas sucessivas de povos e culturas, deixando as suas marcas”. Completando Carrera (2002), mais tarde, a expansão da vitivinicultura na região do Douro foi provocada por interesses comuns de senhores, camponeses, de ações religiosas e também pelo trabalho dos antepassados que habitavam a região, responsáveis por construírem uma espécie de pirâmide de terraços ao longo das margens do Rio Douro e seus afluentes, onde as vinhas foram plantadas em baixa profundidade.

Outros acontecimentos acometeram o desenvolvimento da vitivinicultura na região e deixaram marcas profundas na paisagem, como, por exemplo, a crise da filoxera em meados da década de 1860-1880 (Gonçalves, 2007; Martins, 1991). Essa crise levou a introdução de cepas americanas como porta - enxertos e maior profundidade de plantio, entaltecendo novas técnicas e revolucionando a vitivinicultura (Carrera, 2002).

A implantação da mecanização na vitivinicultura regional também foi importante regionalmente, pois levou a uma mudança na estrutura da paisagem e sistema de cultivo da vinha. Segundo Carrera (2002) a introdução da mecanização exigiu novas formas de amarração do terreno, criando-se assim um novo sistema com patamares horizontais com taludes em terra e com densidade de por volta 3000 plantas por hectares.

Segundo Viseu (2018),

O território do Douro vinhateiro passou por uma metamorfose, compassadamente ajustada ao incentivo no investimento na cultura da vinha, tendo-se registado uma autêntica revolução e um redimensionamento do espaço (séc. XXII - 2017). Esta transformação fez com que montes e montes passassem a ser áreas cultivadas e em contínua transformação. (p. 44)



Figura 2

Videiras em terraços no Douro.

Fonte: acervo do autor, (Peso da Régua, 13/5/2017).



Figura 3

O vale do Douro.

Fonte: Edgar Jiménez, Porto, Portugal, set. 2016.

Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/>.

Na atualidade ainda estão presentes estes terraços com videiras, importantes elementos da história e da paisagem do Douro. Os terraços, assim como a forma de cultivar as vinhas nestes espaços são um diferencial da região em relação a outras paisagens e lugares vinhateiros.–

É importante dizer que essa região é formada por um vale profundo marcado por vinhas, onde está localizada a área do Douro, classificado em dezembro de 2001, como Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), espaço conhecido como: Alto Douro Vinhateiro (Manfio, 2018).

Ainda, o Douro encontra-se dividido em três sub-regiões: Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior, devido às diferentes características geográficas, climáticas, vitícolas e socioeconômicas (Lopes, 2012).

Nestas diferentes sub-regiões também existem vários tipos de produtores de vinho: os pequenos proprietários, os médios proprietários, as Adegas Cooperativas (que compram uvas dos pequenos e médios produtores e assim produzem e comercializam o vinho), as associações, as grandes propriedades vitícolas e as empresas internacionais que produzem e exportam vinho (Manfio, 2018).

Todas estas características compõem a formação de uma paisagem única. Além disso, Brambilla (2015) afirma que a produção da vinha na região recebeu influência significativa das condições ambientais tendo o rio Douro como um significativo elemento no contexto paisagístico.

Segundo Aguiar (2002), a paisagem do Douro Vinhateiro,

[...] é uma obra combinada do homem e da natureza resultante de um processo multissecular de adaptação de técnicas e saberes específicos de cultivos da vinha em solos especiais potencialidades para produção de vinhos de qualidade e tipicidade mundialmente reconhecidos. (p. 143)

Ainda, o Douro “é uma paisagem cultural evolutiva e viva, testemunho notável de uma tradição cultural antiga e simultaneamente de uma civilização viva, centrada na vitivinicultura de qualidade desenvolvida em condições ambientais difíceis” (Aguiar, 2002, p. 145). Portanto, o Douro é uma paisagem que apresenta história e cultura, marcadas por todo um contexto de reprodução do espaço em torno da vitivinicultura e do conhecimento e trabalho dos vinhateiros. A cultura da produção da vinha em terraços, a natureza regional, as construções atuais,



Figura 4
Vista do Rio Douro e da cidade de Vila Nova de Gaia - Portugal.
Fonte: acervo do autor (Vila Nova de Gaia - 10 de junho de 2017).

o vale formado pelo Douro são parte deste retrato da Região do Douro e estão visíveis nas Figuras 2 e 3.

Assim, a paisagem atual do Douro é marcada por videiras plantadas em terraços, construções humanas (como casas, armazéns, pontes, estradas), vegetação nativa, pela presença do rio Douro, e do vale íngreme por ele formado. Elementos que constituem um mosaico de formas (Manfio, 2018). Porém, além destes elementos podem-se visualizar na paisagem, cantinas, museus, sítios arquitetônicos, igrejas, oliveiras e outros cultivos, moratórios de videiras da época da filoxera e as quintas.

As casas são elementos essenciais da paisagem próprias cidades. Na região, se multiplicam as casas solarengas (solares e casas nobres) dos séculos XVII a XIX, dispersas pelas quintas e lugares habitados, reflexo de uma ocupação humana, que recua no tempo, como se comprova pela existência de morros fortificados, passagens calcetadas do período romano, relógios de sol (Costa, 1979, cit. em Pina, 2014).

As próprias cidades - com sua arquitetura, modo de vida e produção do espaço-, são elementos da paisagem do Douro, a exemplo disso, como Pêso da Régua, Sabrosa, Lamego, São João da Pesqueira. Ainda, a imensidão do Douro também é percebido com um fragmento de memórias que estão contidas em Vila Nova de Gaia, que fica afastada do Douro, mas se constituiu deste a gênese da região como vitícola como a porta de saída do vinho, que sai da do Douro pelo rio em direção ao Porto para ser comercializado. Essa cidade guarda os vinhos, a história do vinho do Douro e do Porto, a cultura portuguesa e as várias adegas, tendo uma vista imponente ao turista do Douro.

Além disso, na paisagem do Douro estão presentes a arquitetura popular do povo ibérico, os utensílios antigos utilizados na agricultura e vitivinicultura, as caves de vinhos, as pontes e linhas de ferro (Sousa, Monte, & Fernandes, 2013).

Os sítios de arte rupestre do Vale do Côa também são elementos presentes numa porção da paisagem duriense e que corresponde a um patrimônio cultural visto na paisagem, pois conta uma história milenar, uma forma de comunicação entre um povo.

Além disso, a paisagem guarda detalhes de uma vitivinicultura tradicional (socalcos vitivinícolas, forma dos terraços é semelhante aos da época “pré-filoxera”, da cultura portuguesa, das aldeias vinhateiras empobrecidas, mas também de modernidade vista pela mecanização, pela inovação no plantio

das videiras, no requinte das adegas e das infraestruturas enoturísticas.

Na paisagem do Douro também estão materializadas os bens religiosos que são materiais e imateriais. Conforme Gomes e Rebelo (2012), a religião é um elemento representativo na paisagem do Douro e está associado à natureza e seus poderes, testemunhando o esforço árduo do trabalho dos viticultores, as suas vivências. Na paisagem são vistos capelas, igrejas, grutas, conventos, mosteiros e monumentos religiosos. São símbolos que retratam a imaterialidade da paisagem para além das paredes das igrejas e capelas, mas para necessidade espiritual e valores atribuídas à religião.

O modo de produzir o vinho do Douro, e principalmente do Porto, que é incrementado com aguardente e as barricas de carvalho, os ensinamentos dos antepassados no cultivo da vinha e na produção do vinho, associação do peixe e do vinho, também são elementos evidenciados na imaterialidade da paisagem do vinho do Douro. Os festejos e romarias também são pontos que reforçam a memória e a cultura, dessa forma, estão imaterializadas na paisagem do Douro. Como se destacam o culto ao Senhor da Aflição que se prolongou não só às freguesias vitícolas, mas também à população dos núcleos urbanos envolventes, assim como os festejos da Nossa Senhora dos Remédios de Lamego (Pina, 2014).

Nesse sentido, o enoturismo consiste numa forma de salvaguardar o patrimônio cultural vivo presente nas formas tangíveis e intangíveis do Douro. Para Brambilla (2015),

Portugal apresenta paisagens diversificadas que, juntamente com as tradições e um rico acervo cultural das regiões, constituem elementos de identificação e enriquecimento das rotas. Essa riqueza paisagística, aliada ao patrimônio cultural, pode e deve ser aproveitada, de forma sustentável, no desenvolvimento do enoturismo, que em Portugal, é uma atividade relativamente recente, mas promissora, que já se configura como uma atividade em desenvolvimento. (p. 73)

O enoturismo na região do Douro vem ganhando novas estruturas e dinâmicas, nas últimas décadas, com projetos de articulação dos espaços, empresários, pesquisadores e produtores de vinhos. Segundo Esteves (2008), no Douro Vinhateiro já existem várias atividades enoturísticas, tais quais: as visitas em cantinas, adegas, aldeias e quintas, a realização de Cruzeiros no Douro, passeios aos Museus do Vinho do

Porto e ao Museu do Douro, a participação em Festivais e Eventos Enoturísticos, passeios de trem no Peso da Régua, participação nas vindimas. Estes instrumentos consistem em formas de atrair o turismo e mostrar a riqueza cultural e patrimonial do Douro.

Neste contexto, as quintas são também espaços de disseminação do turismo ligado ao vinho. Pois além do requinte das propriedades pode-se contemplar as videiras. De acordo com Brambilla (2015, p. 96), elas “são o ponto de encontro, a inserção e a razão de ser do enoturismo, como um local de cultivo da vinha e de produção do vinho do patrimônio do vinho e de recepção dos visitantes”. As quintas são marcas não só da produção de vinhos, mas da cultura portuguesa, por isso são importantes tanto na paisagem quanto no enoturismo.

As quintas foram, desde tempos remotos, parte integrante da paisagem do Douro. Porém, outros mecanismos de promover o turismo na região foram sendo desenvolvidos ao longo do tempo. Estes foram pensados para modernizar e revitalizar as antigas infraestruturas para diversificar com a oferta de recursos turísticos, entre eles estão os passeios de barcos e de trens que envolvem o trajeto do Porto ao Douro e vice-versa.

Os passeios barcos pelo rio Douro, nas margens das cidades de Vila Nova de Gaia ou as viagens mais longas ao longo desse rio, contemplando a paisagem vitícola da região são atualmente uma atração turística muito procurada na região, pois além de visualizar a paisagem, ainda faz o percurso que os vinhos sempre fizeram na sua história, o caminho do Alto Douro Vinhateiro ao Porto (Grizzo, 2016). De acordo com Teles (2012, p. 94), “o turista tem à sua disposição três percursos principais oferecidos pela grande parte dos operadores - o Cruzeiro das Seis Pontes, Porto-Régua-Porto (ou vice-versa) e Régua-Barca D’Alva”. Neste percurso, o turista pode desfrutar da paisagem, saborear a gastronomia local e o vinho, em cruzeiros diários (Teles, 2012).

O enoturismo é incentivado pelo poder público através de estratégias e programas. Nesse sentido, destacam-se a ENEI - Estratégia de Investigação e Inovação para uma Especialização Inteligente, 2014, e o EREI - Estratégia Regional de Especialização Inteligente para a região Norte. Além do poder público, outras instituições desenvolvem projetos e programas para o desenvolvimento regional e do enoturismo (como a Estratégia para o Turismo 2027 (EREI, 2019; ENEI, 2019). Nesta linha

de discussão está o Programa Aldeias Vinhateiras do Douro, proposto em 2001, pela Ação Integrada de Base Territorial do Douro (AIBT), incluída no Programa de Desenvolvimento da Região Norte 2000 - 2006 com objetivo de recuperação das aldeias vinhateiras (Brambilla, 2015). Os resultados desse Programa foram melhorias em infraestruturas, como canalizações, eletricidade e fachadas de algumas habitações, embora muitas obras ficaram inacabadas, a criação de site das Aldeias Vinhateiras, da realização de festivais e divulgação do turismo (Cristóvão, Medeiros, & Melides, 2010).

Outra investidora em desenvolvimento do enoturismo destaca-se o Programa Dyonisios, da União Europeia, que apoiou a criação de rotas enoturísticas em Portugal em 1993, entre elas: a Rota do Vinho do Porto, a Rota dos Vinhos Verdes, a Rota do Vinho do Dão, a Rota do Vinho da Costa Azul e a Rota do Vinho do Alentejo (Chiattone & Chiattone, 2013). Estas rotas,

[...] são um produto turístico constituído por percursos sinalizados, organizados em rede, envolvendo explorações agrícolas e outros estabelecimentos abertos ao público, através dos quais os territórios agrícolas e as suas produções podem ser divulgados e comercializados, estruturando-se sob a forma de oferta turística. (Chiattone & Chiattone, 2013, p. 624)

Assim, vários projetos foram e estão sendo desenvolvido no Douro que visam o incentivo do enoturismo sustentável, pautado no desenvolvimento das comunidades, na história e cultura local e no vinho.

A formação de agentes turistas também é apoiada pelas instituições locais, com cursos de capacitação, com pesquisas, eventos científicos para discussão sobre o turismo no Douro. A Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro apresenta trabalhos de pesquisas, grupos de trabalho e cultivo de videiras experimentais para auxiliar a vitivinicultura e o turismo na região.

Ademais, empreendimentos de fora têm-se instalado na paisagem do Douro para aproveitar as potencialidades desse patrimônio cultural, seus bens materiais e imateriais. De acordo com Pina (2014), em Cambres, distrito de Lamego, surgiram vários hotéis que marcam projetos ambiciosos como “Aquapura Douro Valley”, e “Hotel Douro River”, ambos com Spa e o “Hotel Rural Quinta da Pacheca” (Pina, 2014). Estes projetos tem suscitado críticas,

pois modernizam o espaço, retirando a essência do patrimônio ali construído por gerações e mercantilizam o espaço vitícola.

Porém, mesmo com estas medidas e projetos, o enoturismo no Douro ainda encontra desafios a serem superados, tais quais: a preservação da paisagem patrimônio mundial da humanidade e a falta de mobilidade e roteiros integrados que agreguem todo espaço do Douro.

Outro ponto importante no desenvolvimento do enoturismo é a integração entre os serviços prestados ao turista. Esta integração, às vezes, não acontece no Douro, como vista no final do passeio de trem em Peso da Régua. Quando o turista desembarca na cidade, falta um atendimento especializado para servir lanches, água, vender lembranças da região. Muitas vezes, as pessoas ficam esperando para ser atendidas, no sol, sem qualquer organização. Além disso, o passeio de trem no Peso da Régua encontra-se desconectado dos horários de ônibus do Peso da Régua para as outras cidades portuguesas e não existem linhas de trem para as cidades de Vila Real e Sabrosa e nem do Porto para Peso da Régua e vice-versa (DouroTur, 2017).

O Douro necessita de um modelo de acessibilidade integrada e articulada, pois lhe falta *sites* de divulgação de horários de ônibus, diversificação de meios de transportes, pois centra-se no sistema rodoviário, a população do Douro Superior encontra-se envelhecida e sem orientação para atender os turistas (DouroTur, 2017).

Contudo, as regiões portuguesas do vinho, entre elas o Douro, perdem no enoturismo pelo não - desenvolvimento de infraestruturas e o abandono da paisagem em áreas mais afastadas dos grandes centros urbanos e também pela intensificação de instalações e mudanças da paisagem em áreas mais ocupadas pelo vinho, esta última revela-se um ponto negativo para preservação da paisagem e dos valores culturais e naturais presentes no Douro Vinhateiro (Simões, 2008).

Para Simões (2008, p. 278), “É neste contexto que o enoturismo assume um papel primordial. Ele apresenta-se como charneira entre a viticultura como actividade económica e o aproveitamento de elementos culturais, patrimoniais e paisagísticos”. Além disso, o turismo cria uma oportunidade de reforçar a venda direta dos vinhos, de promover a imagem desses e de integrar nessa imagem a eloquência da paisagem (Aguar, 2002).

Em síntese, o Douro é uma região de produção de vinhos que apresenta: a) uma paisagem imponente aos olhos do turista; b) história e tradição no mundo dos vinhos; c) uma porção reconhecida mundialmente como Patrimônio Mundial da Humanidade; d) aspectos culturais e naturais. (Aguar, 2002; Brambilla, 2015; Simões, 2008). Todos estes elementos permitem o desenvolvimento do enoturismo e impõe aos pesquisadores uma discussão sobre a região, buscando contribuir para o desenvolvimento local, para o fortalecimento do turismo e também para preservação do patrimônio formado por diversas gerações.

4. Considerações

A paisagem é o resultado da interação entre o meio físico e as sociedades humanas, refletindo a forma como que estes elementos reagiram e continuam a reagir, num processo complexo e dinâmico, vistos em várias escalas (Pedrosa, Martins, & Pedrosa, 2004, p. 207). Dessa forma, o conceito de paisagem é fundamental no estudo do espaço geográfico e quando associado ao vinho produz um importante componente de estudos para Geografia.

Logo, as paisagens vitícolas estão presentes em diversas regiões mundiais. Elas são o retrato do trabalho de uma sociedade na natureza e da mitologia, que a população local cria em relação a essa bebida, associando vinho à gastronomia e outros elementos.

Estas paisagens formadas pela vitivinicultura e cultura tornam-se patrimônios e impulsionam o enoturismo, contribuindo para o desenvolvimento local e para preservação paisagística.

Neste sentido, o Douro Vinhateiro reúne os requisitos básicos para a formação de uma paisagem vitícola reconhecida, pois mantém história, cultura, espaço ambiental e vinhas. Por isso, foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade em 2001. Conclui-se que os terraços de videiras e o rio Douro são traços marcantes na paisagem e incomparáveis no âmbito das regiões de vitivinicultura, são formas únicas.

Assim, o Douro constitui-se numa região de tradição (desde séculos passados realiza vitivinicultura e é reconhecida pelo vinho) e ao mesmo tempo moderna que busca a todo tempo se reinventar para atrair turistas e também para valorizar o espaço

paisagístico. É uma região com potencialidades enoturísticas, como belezas naturais, vinhos, quintas e aldeias vinhateiras, mas com muitos entraves entre eles: a) a população envelhecida e mais pobre do Douro Superior (Cristóvão, Tibério, & Abreu, 2008); b) a falta de infraestrutura e integração entre as cidades e áreas de vitivinicultura (Simões, 2008); c) necessidade de valorização dos produtos locais e associação com o vinho (Cristóvão et al., 2008); d) preservação dos espaços em função da modernização (Simões, 2008).

A ascensão do turismo e sustentabilidade (no sentido de manter uma harmonia entre ambiente, população e economia) da paisagem do Douro somente serão possível por meio: a) da divulgação da região; b) de estudos diversos que permitam a interdisciplinaridade na abordagem da paisagem, do vinho, do turismo e o meio ambiente; c) no fortalecimento de políticas públicas e programas de incentivo ao desenvolvimento regional; d) na integração de todos os atores do vinho do Douro, instituições, empresários, produtores de vinhos e órgãos públicos.

Portanto, o Douro é mais que uma região vinhateira, com o enoturismo em desenvolvimento, é uma “paisagem singular existente, pela natureza, pela segurança, tranquilidade e bem-estar e pelo património histórico e cultural” (Sousa et al., 2013, p. 262).

Uma paisagem que precisa de novos impulsos para continuar a ser ponto de referência mundial como Patrimônio da Humanidade como a produção de um turismo sustentável que integre a sociedade, principalmente, criando roteiros que envolva a visita das aldeias, comunidades vitícolas tradicionais, adegas, incrementando com a visita aos palácios, igrejas e espaços da história portuguesa do Douro.

Além disso, é importante ampliar a disseminação de eventos gastronômicos que alie a culinária local, não apenas a culinária enobrecida, mas aquela comida típica das comunidades e aldeias portuguesas, que associada ao vinho pode contribuir para credibilidade da paisagem patrimonial. Trazer o turista para dentro do cenário de cultivo da vinha e produção do vinho, participando do plantio de novas videiras, da colheita da uva, da vinificação, permitindo que o mesmo viva o momento em contato com a realidade local.

Para engajar ainda mais a comunidade é preciso estabelecer mecanismos desta criar seus artesanatos,

vinhos e produtos artesanais e comercializar num mercado próprio dentro do espaço de roteiro turístico. A comunidade precisa estar ciente da paisagem que possui em mãos e que esta pode ser uma mercadoria, não do capital em si, mas da sociedade de preservar seu espaço e também manter a população jovem atuante no turismo, na produção vitícola e na construção de seus valores dentro de um Douro, especialmente Douro Superior que necessita de uma população para o futuro.

Ainda, a revitalização dos espaços citadinos, não de cidades como Vila Real, mas de cidades interioranas do douro mais profundo, por exemplo: Vila Nova de Foz Côa, São João da Pesqueira, Carrazeda de Ansiães. É preciso ampliar a mobilidade entre as cidades, com mais ônibus e certamente a reativação da linha férrea em Vila Real seria uma iniciativa que iria contribuir ainda mais nesse sentido, ao menos atenderia a região de Peso da Régua e Vila Real. Além de incentivar a criação de pousadas (que revelem o modo de vida da região, não grandes hotéis de empreendimentos sofisticados) e acessos urbanos e infraestrutura, para que a população do Douro Superior possa aproveitar a paisagem como elemento turístico e também a arte rupestre que se encontra nesta área.

Sem dúvidas, é no Douro Superior onde a beleza da paisagem vitícola e cultural apresenta mais beleza e autenticidade, mas também é a que carece de mais infraestrutura e recursos, por ser um espaço longínquo das grandes cidades portuguesas. É preciso pensar nesta área com um olhar atento as necessidades e voltado para o desenvolvimento local.

Bibliografia

- Aguiar, F. B. de. (2002). O Alto Douro Vinhateiro, uma paisagem cultural, evolutiva e viva. *Douro: Estudos & Documentos*, 7(13), 143-152. Disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9585.pdf>.
- Berque, A. (1998). Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In R. L. Corrêa, & Z. Rosendahl (Orgs.), *Paisagem, tempo e cultura* (pp. 84-91). Rio de Janeiro (RJ): UERJ.
- Brambilla, A. (2015). *Cultura e Enoturismo: um estudo na Região Demarcada do Douro* (Dissertação). Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

- Carrera, C. (2002). *Vinho do Porto e a região do Douro: História da primeira região demarcada*. Sintra: Colares.
- Castro, D. G. (2004). *Significados do conceito de paisagem*. Anais VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, Goiânia. Disponível em <https://www.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm>.
- Castro, I. E. de. (2002). Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In E. Yázigi (Org.), *Paisagem e Turismo* (pp. 121-140). São Paulo: Contexto.
- Castrogiovanni, A. C. (2002). Existe uma Geografia do Turismo? In S. Gastal (Org.), *Turismo: Investigação e Crítica* (pp. 59-67). São Paulo: Contexto.
- Cavalcanti, A. P. B. (2010/2011). Abordagens geográficas no estudo da paisagem. *Breves Contribuciones del IEG*, 22, 57-74. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4055890.pdf>.
- Cervo, A. L., & Bervian, P. A. (1983). *Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Chiattonne, M. V., & Chiattonne, P. V. (2013). Enoturismo: atrativo e ferramenta para o desenvolvimento sustentável de regiões. *Revista Rosa dos Ventos*, 5(4), 616-634. Disponível em http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/viewFile/1735/pdf_205.
- Corrêa, R. L., & Rozendahl, Z. (1998). Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In R. L. Corrêa, & Z. Rozendahl (Orgs.), *Paisagem, Tempo e Cultura* (pp.7-11). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Cosgrove, D. A. (1998). Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In R. L. Corrêa, & Z. Rozendahl (Orgs.), *Paisagem, Tempo e Cultura* (2ª ed., pp. 92-123). Rio de Janeiro (RJ): UERJ.
- Costa, L. de C. N., & Gastal, S. de A. (2010). *Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural*. Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, Caxias do Sul. Disponível em: https://www.uces.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/03/Paisagem%20Cultural.pdf.
- Cristóvão, A., Medeiros, V., & Melides, R. (2010). Aldeias vinhateiras: requalificação urbana, turismo e desenvolvimento local no Douro. *Revista Pasos*, 8(4), 519-528. Disponível em http://pasosonline.org/Publicados/8410/PS0410_07.pdf.
- Cristóvão, A., Tibério, M. L., & Abreu, S. (2008). Restauração, Turismo e Valorização de Produtos Agro-alimentares Locais: o Caso do Espaço Transfronteiriço do Douro-Duero. *Revista Pasos*, 6(2), 281-290.
- DOUROTUR. (2017). *Mobilidades e acessibilidades turísticas no Douro*. Seminário DouroTur, Vila Real-PT.
- Esteves, F. (2008). *Vinhos do Douro*. Sintra: Colares.
- Falcade, I. (2003). *Paisagens vitícolas brasileiras*. Anais do Congresso Brasileiro de Vitivinicultura e Enologia, Bento Gonçalves - RS. Disponível em <http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/anais/cbve10/>.
- Falcade, I. (2011). *A paisagem como representação espacial: a paisagem vitícola como símbolo das indicações de Procedência de vinhos das regiões Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo (Brasil)* (Tese de doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4. ed.). São Paulo: Atlas.
- Gomes, L. L., & Rebelo, J. (2012). Alto Douro Vinhateiro património da humanidade: a complexidade de um programa de preservação. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 10(1), 3-17.
- Gonçalves, E. C. C. (2007). Recessão e reconversão: uma ideia para o Douro na viragem do século XIX para o século XX. *Estudos & Documentos*, 22, 199-206. Disponível em: <https://repositorio.ismai.pt/bitstream/10400.24/50/1/Douro%20N%C2%BA%2022%20.pdf>
- Grizzo, A. (2016). Enoturismo no Douro, de barco. *Revista Adega*, 131. Disponível em https://revistaadega.uol.com.br/artigo/enoturismo-no-douro-de-barco_11294.html.
- Holzer, W. (1999). Paisagem, Imaginário e Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In Z. Rosendahl, & R. L. Corrêa (Orgs.), *Manifestações da Cultura no Espaço* (pp. 149-168). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Lavrador, A., & Rocha, J. (2010). *A região demarcada dos vinhos verdes, uma paisagem e uma identidade ameaçadas*. Anais do XII Colóquio Ibérico de Geografia, Porto. Disponível <http://web.letras.up.pt/xiicig/comunicacoes/134.pdf>.
- Lopes, N. G. (2012). *Guia do Douro*. Vila Real: Info Portugal S. A.
- Manfio, V., & Medeiros, R. M. V. (2017). A paisagem do vinho na Campanha Gaúcha. In R. M. V. Medeiros, & M. Lindner (Orgs.), *A Uva e o Vinho como expressões de cultura, patrimônio e território* (pp. 21-36). Porto Alegre: Instituto de Geociências da UFRGS.
- Manfio, V. (2018). *Vitivinicultura e associativismo: a dinâmica da Associação Vinhos da Campanha na formação de um território no Rio Grande do Sul, Brasil* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Marques, G. N. R. M., & Marques, J. M. (2017). Patrimônio Histórico-Cultural Vinícola no Entre Douro e Minho, Portugal, como Recurso Turístico. *Revista Rosa dos*

- Ventos, 9, 107-119. Caxias do Sul. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/4728>.
- Martins, C. A. (1991). A filoxera na vitivinicultura nacional. *Análise Social*, XXVI(112-113), 653-688. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223042079C5pJM6qm9Aw66HJ7.pdf>.
- Medeiros, R. M. V., Valduga, V., & Lindner, M. (2017). *Território, identidade e turismo: a Borgonha turística e o Vale dos Vinhedos*. Anais do 10 Congresso Nacional de Turismo Rural. Santa Maria. Disponível em https://www.ufsm.br/wp-content/uploads/2018/07/Anais_Congresso_CBTR_2017.pdf.
- Pedrosa, A. de S., Martins, M. R., & Pedrosa, F. T. (2004). Processos de erosão acelerada. Região demarcada do Douro: um património em risco. *Estudos & Documentos*, 17, 207-232. Disponível em <http://web.letras.up.pt/aspedros/Processos%20de%20Eros%C3%A3o%20Acelerada%20na%20Regi%C3%A3o%20Demarcada%20do%20Douro.pdf>.
- Pina, H. (2014). O património imaterial duriense: que contributo para o desenvolvimento regional? In H. Pina, H. Marques, P. Remoaldo, & M. Pereira Ramos (Eds.) (2014), *The overarching issues of the european space: the territorial diversity of opportunities in a scenario of crisis* (18-36). Bucharest: Milena Press.
- Santos, M. (2002). O Espaço Geográfico, um Híbrido. In M. Santos, *Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* (pp. 57-71). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Simões, O. (2008). Enoturismo em Portugal: as Rotas de Vinho. *Revista Pasos*, 6(2), 269-270. Disponível <http://www.pasosonline.org/es/articulos/296-enoturismo-em-portugal-as-rotas-de-vinho>.
- Sousa, C., Monte, A. P., & Fernandes, P. O. (2013). *Impacto no turismo da região Demarcada do Alto Douro Vinhateiro, após a classificação de Património Mundial da Humanidade pela UNESCO. Barcelos - Portugal*. Anais do III Congresso Internacional de Turismo. Disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/10720>.
- Teles, T. D. C. (2012). *Turismo fluvial no Douro: rio, caminho de ontem atracção de hoje* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Viseu, A. (2018). Alto Douro e Pico - territórios de pedra, territórios de vinha: como o relevo pode condicionar ou definir a cultura vínica (1850-1970). In O. Lage (Org.), *Alto Douro e Pico, paisagens culturais vinhateiras património mundial em perspectiva multifocal: experimentação comparada* (pp. 38-46). Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.